

DOI: <https://doi.org/10.23925/ddem.v.2.n.8.64667>

Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

**RESENHA DO LIVRO: VIOLÊNCIA: SEIS REFLEXÕES LATERAIS**

REVIEW OF THE BOOK: VIOLENCE: SIX SIDEWAYS REFLECTIONS

Thiago de Mello Azevedo Guilherme<sup>1</sup>**RESUMO**

O fenômeno contemporâneo da violência, manifestado nas explosões contraditórias das ruas e na opressão silenciosa de nosso sistema político e econômico, suscita a seguinte reflexão: Será que o desenvolvimento do capitalismo e da própria civilização, longe de prevenir, intensifica a ocorrência de violência?

**Palavras-chave:** Violência; Violência em Manifestação; Desenvolvimento do Capitalismo; Desigualdade.

**ABSTRACT**

The contemporary phenomenon of violence, manifested in the contradictory explosions in the streets and in the silent oppression of our political and economic system, raises the following reflection: Does the development of capitalism and civilization itself, far from preventing, intensify the occurrence of violence?

**Keywords:** Violence; Violence in Manifestation; Development of Capitalism; Inequality.

**LIVRO**

Violência: seis reflexões laterais

Autor: ZIZEK, Slavoj

Tradução Miguel Serras Pereira

1ª Edição. São Paulo, Boitempo, 2014.

<sup>1</sup> Doutor em Direito (Teoria e Filosofia do Direito) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP (2021). Graduado em Ciências Jurídicas e Sociais - Instituição Toledo de Ensino de Bauru - SP (2005). Mestre em Direito Constitucional - Sistema Constitucional de Garantia de Direitos - pela Instituição Toledo de Ensino de Bauru - SP (2010). Pós-graduado em Direitos Fundamentais e Tutela Jurisdicional dos Direitos - pela Universidade de Pisa, Itália (2015). Linhas de Pesquisa: Garantias de Acesso à Justiça e Concretização de Direitos; Antropologia do Direito e Pluralismo Jurídico; Sociologia do Direito e Legitimidade Judicial. Experiência na área de Direito Constitucional, com ênfase em Teoria do Direito e Teoria Geral do Processo. Membro efetivo do Grupo de Pesquisa "Direito Civil Constitucional" da ITE-Bauru. Professor dos cursos de graduação e pós-graduação. Membro efetivo da Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional São Paulo. Membro do Núcleo de Memória da OAB-SP (Gestão 2022/2024). Advogado inscrito na OAB/SP sob n. 250.301. [tmazevedo@uol.com.br](mailto:tmazevedo@uol.com.br). <https://orcid.org/0000-0001-5365-9974>.

## UMA OBRA PROVOCADORA

Tumultos, protestos e insurgências de todos os tipos geram efeitos práticos e tangíveis, até mesmo no plano filosófico e literário, produzindo um claro movimento de comunicação e contaminação da violência enquanto linguagem. Essa é uma das possíveis interpretações que decorrem da leitura desse instigante – embora às vezes confuso – texto do pensador esloveno.

"Violência: seis reflexões laterais" de Slavoj Žižek fora inicialmente publicado em 2008 pela editora Picador, de Nova Iorque. Naquele momento da história, a obra de Žižek fazia alusão imediata aos movimentos de revolta e tumulto que haviam explodido nas periferias de Paris a partir de 2005. Quando de sua primeira publicação no Brasil, em 2014, pela Editora Boitempo, o elemento fático que fomentava o interesse pelo tema do livro era a recente experiência brasileira das jornadas de junho de 2013. Nota-se, assim, um embrionário padrão: quando percebemos a violência em manifestação, somos sugados por uma “tentação hermenêutica” que busca compreender o que teria causado a explosão de raiva que se espalhou pelas ruas, tanto na França quanto no Brasil, oito anos depois.

No seu livro, Žižek explora a natureza da violência argumentando que a violência não é simplesmente um fenômeno físico, provocado por sujeitos que “perdem a razão, mas é também um fenômeno social e simbólico, ou seja, algo que deseja comunicar algo (mesmo quando essa mensagem ainda não está plenamente elaborada). O autor, ao longo do texto, diferencia três tipos de violência: violência subjetiva, violência objetiva e violência da linguagem. De modo bastante esquemático podemos dizer que a violência subjetiva é a violência perpetrada por indivíduos ou grupos, ou seja, que se consegue identificar como partindo de pessoas. É essa a violência que vemos nos jornais de rádio e televisão todos os dias, como violência armada, terrorismo e guerra.

Žižek, entretanto, não se dá por satisfeito. Ele quer encontrar outros níveis e camadas da violência, a ponto de identificar a violência objetiva, aquela que estaria embutida, impregnada nas estruturas sociais e econômicas que ordenam a sociedade. É a violência que é causada pela pobreza, desigualdade e discriminação. Uma violência que sempre está comunicando uma divisão entre as pessoas, classificando os seres vivos nas sociedades. Aqui, portanto, além da violência objetiva, Žižek aponta para a violência simbólica, a violência perpetrada através da linguagem. É a violência que é causada pelo discurso do ódio, a propaganda e a ideologia, mas também por todas as interdições simbólicas que comunicam de modo sutil as divisões e segregações.

Para Slavoy Zizek, esses três tipos de violência estão conectados de muitas formas. Surge então o argumento de que a violência subjetiva seria o resultado da violência objetiva. Por sua vez, a violência da linguagem teria também o papel de alimentar a violência subjetiva, especialmente ao provocar os rompantes de explosão imprevista, a qual, numa referência a conceitos psicanalíticos, ele evoca como *acting out*, ou seja, a ‘passagem ao ato’ da violência pelo indivíduo ou pelo grupo.

Importante considerar que Zizek não nega que a violência possa ter efeitos reformadores da realidade social, não sendo sempre algo negativo. Valendo-se de conceitos e estruturas de pensamento tipicamente hegelianos ele ressalta que a violência pode ser imprescindível para promover a justiça e produzir liberdade em determinados momentos e ocasiões históricas.

"Violência" é uma obra bastante desafiadora, tanto por sua profusão de referências e conceitos teóricos – que muitas vezes confundem o leitor – quanto por apresentar conceitos extremamente incômodos para os não iniciados na nomenclatura de Zizek. Principalmente, contudo, o livro provoca ao fazer o leitor refletir sobre uma nova perspectiva da violência no mundo contemporâneo.

## A ESTRUTURA

Zizek divide seu livro em oito partes, sendo uma introdução, seis capítulos com nomes de tempos musicais (*adagio, allegro, andante, presto, molto adagio...*), e um epílogo agrega bastante à compreensão da obra. Essa estrutura musical tem razão de ser quando se olha exatamente para a forma de violência tratada em cada um dos capítulos. A edição brasileira traz ainda um posfácio precioso, de autoria de Mauro Iasi.

Esse diálogo entre as formas do livro e seu conteúdo é uma inteligente metáfora da tentativa de se controlar o ímpeto de comunicação da contemporaneidade, que muitas vezes é bloqueada pela estrutura do poder e da sociedade. Zizek vê nessa dificuldade de comunicar – principalmente no capítulo três – uma das razões para as explosões violentas.

No nosso caso brasileiro, em especial, a leitura da obra de Zizek pode nos ajudar a compreender a violência que vemos por toda parte em nossa sociedade e em nosso cotidiano. Principalmente, contudo, retornar ao livro quase dez anos após sua primeira edição no Brasil nos permite um confronto entre o Brasil de hoje e aquele Brasil de junho de 2013. Até que ponto algo mudou? Os protestos de 2013 arrefeceram, foram atendidos ou migraram para outro plano (por exemplo, o das redes sociais)?

## CONCLUSÃO

"Violência" é um livro denso que permite um outro olhar sobre o fenômeno da violência urbana e tudo aquilo que ela quer comunicar. Mesmo após 15 anos de seu lançamento, continua fornecendo ferramentas conceituais para observarmos as causas ocultas e o desejo latente por baixo da violência visível. Numa época em que a violência urbana explode, os índices de criminalidade disparam, e onde se pretende conter a violência mediante o uso de 'contra violência' por parte do Estado e de grupos que flertam com o fascismo, buscar a compreensão de suas origens não pode ser considerado como algo menor.